

OBJETIVO

As obras da **UNICAMP**



5

CLARICE LISPECTOR

Amor

AMOR

1. BIOGRAFIA DO AUTORA

- 1920 – Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro na cidade de Tchetchelnik, na Ucrânia.
- 1922 – Chegou ao Brasil com a família, estabelecendo-se primeiro em Alagoas.
- 1925 – Mudou-se para Recife.
- 1934 – Transferiu-se para o Rio de Janeiro.
- 1940 – Ingressou no curso complementar de Direito no Colégio Andrews.
- 1941 – Entrou na Faculdade Nacional de Direito.
– Começou a trabalhar como redatora.
- 1942 – Tornou-se jornalista do *A Noite*.
- 1943 – Casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente.
- 1944 – Formou-se em Direito.
– Mudou-se para Nápoles, na Itália.
– Publicou seu livro de estreia, *Perto do Coração Selvagem*, com o qual ganhou o prêmio Graça Aranha.
- 1946 – Mudou-se para Berna, na Suíça.
- 1949 – Nasceu Pedro, seu primeiro filho.
- 1952 – Passou a residir na Inglaterra.
- 1953 – Nasceu seu segundo filho, Paulo, em Washington, Estados Unidos.
- 1954 – *Perto do Coração Selvagem* é publicado em francês, dando início à tradução de suas obras para várias línguas.
- 1956 – Recebeu o prêmio Cármen Dolores.
- 1959 – Separou-se do marido.
- 1967 – *O Mistério do Coelho Pensante* ganhou o prêmio Calunga de literatura infantil.
– Feriu-se em um incêndio em seu apartamento.
- 1969 – Recebeu o Golfinho de Ouro graças ao livro *Felicidade Clandestina*.
- 1977 – Faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de dezembro.

2. OBRAS DA AUTORA

Romances

- Perto do Coração Selvagem* (1943)
- O Lustre* (1946)
- A Cidade Sitiada* (1949)
- A Maçã no Escuro* (1961)
- A Paixão Segundo G.H.* (1964)
- Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969)
- Água Viva* (1973)
- A Hora da Estrela* (1977)

Contos

- Alguns Contos* (1952)
- A Imitação da Rosa* (1960)
- Laços de Família* (1960)
- A Legião Estrangeira* (1964)
- Felicidade Clandestina* (1971)
- A Via Crucis do Corpo* (1974)
- Onde Estivestes de Noite* (1974)
- A Bela e a Fera* (1979)

Crônica

- Visão do Esplendor* (1975)
- Para não Esquecer* (1978)
- Um Sopro de Vida* (1978)

Literatura Infantojuvenil

- O Mistério do Coelho Pensante* (1967)
- A Mulher que Matou os Peixes* (1968)
- A Vida Íntima de Laura* (1974)
- Quase de Verdade* (1978)

3. “AMOR”

3.1. Resumo

“Amor” é o segundo conto do livro *Laços de Família* (1960). Sua narrativa inicia-se no momento em que a protagonista, Ana, procura acomodar-se no banco de um bonde. Nesse ponto o enunciador aproveita-se dos devaneios dela para montar-lhe o perfil.

Trata-se de uma mulher que no passado fora dominada pela intensa, primitiva e caótica energia de vida. Refugiara-se então no que a sociedade tinha inventado como o papel feminino: dona de casa, esposa e mãe. Entregou-se a ele com afinco, o que a fazia evitar o lado periclitante da existência. No entanto, o momento mais perigoso do seu dia era a tarde, quando a casa já estava arrumada, os filhos na escola, o marido no trabalho. Como estratégia de defesa, buscava mais ocupações: saía para levar objetos para conserto ou ia fazer compras – essa última tarefa era justamente o que Ana tinha acabado de fazer no momento em que se iniciou o conto.

Apresentado o perfil da protagonista, o narrador retorna para o momento em que ela se instalava no banco do bonde. Nesse instante passou a ter uma sensação estranha de que algo desagradável estava acontecendo. Foi quando viu parado na rua um cego mascando chiclete. Tal imagem a deixou tão perturbada que, com o tranco da partida do coletivo, as compras caíram no chão, provocando o grito de Ana.

Depois que o condutor parou o veículo e verificou que tudo estava em ordem, e depois que um moleque que vendia jornal recolheu as mercadorias que se haviam espalhado, tudo retornou à normalidade. Menos para a protagonista. Assim como os ovos que havia comprado e que com a queda se tinham quebrado, escorrendo seu líquido incomodamente pela sacola, a vida da heroína estava toda desajustada:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha

tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso.¹

Tão perturbada ela se encontrava que desceu no ponto errado. E, desorientada, acabou parando no Jardim Botânico. Sentou-se em um banco e teve o seu momento de epifania:

Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade imensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. (...)

Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado. (...)

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. (...) Estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo.²

¹ LISPECTOR, Clarice. “Amor”. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 22-23.

² *Ibidem*, p. 25.

Essa epifania estava ligada ao contato que a personagem recuperou com o lado oculto da vida. E tão forte ele se deu que Ana perdeu a noção do tempo. A lembrança das suas obrigações domésticas por fim a retirou do transe. Foi quando percebeu que já havia escurecido. Pior: o Jardim Botânico estava fechado. Ainda assim, conseguiu achar o segurança, retirou-se de lá e voltou finalmente para a segurança do seu apartamento.

No entanto, Ana encontrava-se desajustada. Como bem informara o narrador, “o mal estava feito”. Enquanto a protagonista mergulhava no suor da preparação de um jantar (seus irmãos, com suas famílias, iriam visitá-la), ela ficava rememorando os acontecimentos perturbadores da tarde.

Ainda assim, apesar da menor quantidade de ovos, apesar da desarmonia por que passara, a reunião deu-se de maneira satisfatória. No final da noite, já prestes a dormir, ouviu um barulho vindo da cozinha. Correu assustada para averiguar, temendo que fosse um estouro do fogão, que, complicado, poderia colocar fogo na casa. Mas era apenas o café que o marido havia derrubado. Este a tranquilizou, levando-a afetivamente para o quarto. No final,

se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.³

3.2. Análise

O conto “Amor” pode ser considerado um exemplo típico da literatura de Clarice Lispector, já que apresenta elementos presentes em toda a sua obra. Na verdade, por mais variados que sejam os textos da autora, eles apresentam um certo caráter monotemático, já que sempre colocam o protagonista diante de questões ligadas à existência e à busca de identidade. Dessa forma, não é exagero ou reducionismo falar em um esquema

clariceano, no qual “Amor” se encaixa. Na verdade, podemos até enxergar quatro passos constantes em boa parte de seus textos.

No primeiro momento, flagramos a personagem mergulhada em seu cotidiano banal. É o que acontece com Ana, procurando instalar-se de maneira cômoda em um banco de bonde. Ficamos sabendo que ela está cumprindo sua rotina de dona de casa, mãe e esposa. Está voltando para o seu apartamento, logo após ter feito suas compras. Mas é justamente esse cotidiano urbano que desumaniza a heroína clariceana, alienando-a da existência em sua forma mais densa.

O segundo passo é a apresentação do insólito, que provoca um desarranjo em toda a rotina do protagonista. Tal pode manifestar-se por meio de um acontecimento incomum. Ou pode ser algo bastante banal, sendo então inusitado o enfoque que o narrador joga sobre ele. No caso de “Amor”, o elemento estranho está na presença do cego mascando chiclete. Tão forte foi para Ana ter visto esse indivíduo que a vidinha ordenada dela entra em caos, o que fica representado pelo tranco do bonde que faz compras caírem e ovos se quebrarem.

No entanto, a função mais importante do segundo passo é jogar a narrativa para o terceiro, em que a protagonista tem a sua epifania. Nesse ponto, é importante ressaltar que não se pode entender epifania no sentido religioso, apesar de esse termo ter sido emprestado do cristianismo. Nesse contexto místico, essa palavra se refere a uma revelação dada por uma divindade (Deus, Jesus, anjo, santo). Em literatura, esse vocábulo continua tendo o sentido de revelação, mas não mais sacra. Seu significado agora é o de descoberta súbita que a personagem tem em meio ao cotidiano.

A epifania de Ana ocorre no Jardim Botânico, quando ela entra em contato com a vida em sua forma perigosa, mas por isso mesmo autêntica. Trata-se de uma experiência tão forte que traz sua contraparte, uma náusea, indicadora de que o universo de valores que começam a assolar a personagem é tão intenso que o próprio organismo biológico da heroína não aguenta, desajustando-se e tendo como consequência o mal-estar.

³ Ibidem, p. 29.

O curioso é que a protagonista, durante a juventude, já tivera contato com esse mundo periclitante, mas preferiu fugir dele acomodando-se no papel pequeno-burguês inventado para a mulher. Dessa forma, o cotidiano em que estava mergulhada era uma maneira de alienação da energia vital. Tornou-se, enfim, um apequenamento. Mas agora, no Jardim Botânico, ela se via diante daquilo de que vivera fugindo durante anos.

Nesse ponto, nota-se que Clarice Lispector deixa passar em seu texto uma crítica, o que põe por terra a rotulação que comumente se atribui à autora de que seria desconectada das questões sociais, já que sua literatura se mostra essencialmente introspectiva. A forma com que Ana se diminuíra ao cumprir com perfeição o destino pequeno-burguês que a sociedade havia criado para a mulher permite uma condenação à maneira como nós (e essa primeira pessoa inclui não apenas o gênero feminino) nos anulamos em nome de valores convencionais.

Enfim, esse terceiro passo, de epifania, atira a personagem para o quarto, em que ocorre uma reavaliação da existência. Nesse ponto Clarice Lispector parece vinculada à literatura existencialista de Jean-Paul Sartre e que andara em voga desde a sua época de estreia com *Perto do Coração Selvagem* (1944). Prova disso seria a utilização de palavras como “epifania” e “náusea”, típicas dessa vertente literário-filosófica.

Deve-se lembrar, no entanto, que todo esse processo de questionamento existencial não se faz de maneira racional, como na literatura sartreana, mas de forma intuitiva, valorizadora das forças do inconsciente. De fato, a lógica de Clarice Lispector não se dá no plano tradicional, que é o da razão. Ela procura transcender esse nível e esse esforço se espraia por várias frentes. A primeira está na anulação do eu social (submetido aos ditames da tradição) em busca de uma supraindividualidade. O que a autora procura alcançar é um estágio em que o subjetivo e o objetivo, o eu e o outro, se fundam em uma realidade superior, transcendente⁴.

É válido lembrar que o caminho para a individualidade superior, nos ditames clariceanos, dá-se pela alteridade. Assim, nos textos da autora ocorre sempre o processo do “outrar-se”, de busca do outro. É o que Ana realiza quando, primeiramente, vê-se diante do cego. Ele funciona como espelho dela, representando a cegueira do automatismo em que a heroína está mergulhada. Mas representa também o universo dos confins da lógica, que a protagonista havia abandonado e para onde dentro em pouco iria voltar, no Jardim Botânico. É nesse ambiente que o processo de identificação com o outro voltará a se manifestar e de forma mais intensa, já que a protagonista se torna tão sensível a ponto de se fundir à natureza que a circunda.

É ainda importante ter em mente que a entrada nos confins da lógica também se materializa na linguagem da escritora. Assim como as personagens passam por operações de reavaliação que só se alcançam pelo desestruturamento de suas existências convencionais, a montagem das frases da autora também apresentará desestabilização da semântica tradicional, o que abrirá caminho para um amplo emprego de ambiguidades e principalmente de paradoxos. Esses recursos linguísticos mantêm coerência com a visão de mundo que a escritora apresenta, pois na suprarrealidade não ocorrem divisões estanques, ainda mais entre elementos opostos. É por isso que a sensação que Ana tem no Jardim Botânico é um tanto barroca, já que se constitui ao mesmo tempo como prazerosa e nojenta. E pelo mesmo motivo o abraço que ela dá no filho assim que ela volta para casa provoca dor, choro e medo.

No entanto, o desfecho do conto lança uma imprecisão a todo esse processo de reavaliação existencial. Ele nos mostra uma protagonista que havia represado sua energia de vida, passou por um momento de descontrole em que tudo o que havia temido se manifestou, mas que no final acaba voltando para casa, retomando seu “destino de mulher” e sua “vida de adulto”, como tachara o narrador já no início de seu

⁴ É interessante notar que a maneira com que Clarice Lispector busca o transcendente muitas vezes faz com que sua literatura compartilhe de elementos também presentes na poesia e na religião, já que esses três setores procuram usar uma linguagem simbólica em que o mais importante é evocar do que falar. Todos esses lados, por fim, suplantam o universo racional.

relato. Prova disso é que a protagonista se encontrava “sem nenhum mundo no coração”. Além disso, soprara a pequena flama do dia antes de se deitar, o que revela que todas aquelas experiências tumultuosas já estavam bastante diminuídas, já eram “uma pequena flama” que, apagada, estaria presa ao passado. No entanto, esse

mesmo enunciador reiteradamente declarara que, com a visão do cego, “o mal estava feito”. Nesse sentido, se Ana voltou para o seu lar e para suas tarefas domésticas, ela já estava ferida pela epifania que experimentara no Jardim Botânico, desencadeada pelo incomodante cego. Era uma mulher enriquecida. E alterada.

□ Exercícios

Texto para a questão 1.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas.

(Clarice Lispector. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.)

1. (ENEM) – A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**

- a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

2. (FATEC-Adaptada) – Com relação a “Amor”, de *Laços de Família*, de Clarice Lispector, é correto afirmar:

- a) A denúncia dos componentes repressivos da instituição familiar volta-se principalmente para a edu-

cação moralista católica recebida pelas mulheres.

- b) O narrador ataca o poder de sedução da mulher, na defesa da valorização da moral familiar, alertando contra os perigos do mundo social.
- c) A personagem feminina, vivenciando experiências cotidianas, tem revelações fundamentais para sua vida interior.
- d) A força da personagem feminina consiste em transformar suas relações pessoais e familiares a partir de um ato de revolta.
- e) Com personagens pouco habituais, o narrador revela que não há valor na cultura primitiva, em comparação à vida das instituições modernas.

Texto para a questões de 3 a 6.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. (...) Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

(Clarice Lispector. “Amor”. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 20-21.)

3. Dentro do contexto do conto “Amor”, por que a tarde é chamada de “hora perigosa”?
4. O que quer dizer o narrador com a expressão “à revelia deles”?
5. Qual expediente a protagonista tomava para conseguir escapar da “hora perigosa da tarde”?
6. Dentro da lógica do conto, os móveis amanhecerem empoeirados era um fato positivo ou negativo?

Texto para as questões de 7 a 10.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria carregando-lhe o volume. Mas os ovos haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascarando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal está feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito.

(Clarice Lispector. “Amor”. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 22.)

7. O que indica, dentro da lógica do conto e principalmente da história de vida da protagonista, que “uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível”?
8. O que simboliza em “Amor” a quebra dos ovos, que passa a incomodar Ana?
9. Explique a seguinte declaração sobre a rede de tricô: “não íntima como quando a tricotara”.
10. O que o narrador quer dizer com a expressão recorrente “o mal estava feito”?

AMOR

1. Na primeira ocorrência, *mas* apenas redireciona o sentido do texto, introduzindo um dado que acrescenta uma possibilidade não considerada na situação descrita. Na segunda ocorrência, *mas* introduz uma oração oposta à anterior.
Resposta: E
- 2) Ana tem a sua epifania, a revelação que a fará reavaliar sua existência, a partir de uma cena banal, cotidiana: a visão que tem de um cego mascando chiclete no meio da rua.
Resposta: C
- 3) A tarde é chamada de hora perigosa em “Amor” porque era o momento em que a protagonista, não tendo mais com que se ocupar com a casa e a família, estava livre das tarefas que a anestesiavam existencialmente, afastando-a da vida em sua forma mais densa, primitiva e caótica.
- 4) A expressão “à revelia deles” indica que a dedicação de Ana ao seu lar e à sua família não era valorizada, não recebia a atenção, a gratidão que seria esperada. Ela o faz sem ser devidamente recompensada.
- 5) Para escapar da hora perigosa da tarde, em que ocorria a vulnerabilidade do contato periclitante com a vida, Ana entregava-se a tarefas como sair para levar objetos para conserto ou então para fazer compras.
- 6) Para a protagonista, encontrar os móveis empoeirados era um fato positivo, pois limpá-los, deixá-los arrumados, seria uma forma de se manter ocupada e alienar-se da experiência intensa da existência.
- 7) O trecho em destaque indica que Ana estava prestes a voltar a entrar em contato com uma realidade que ela havia renegado, que era a vida em sua forma periclitante, fora dos padrões regradados da sociedade.
- 8) Os ovos simbolizam compartimentação de conteúdo, o que faz referência à vida regrada que Ana havia escolhido para si. A quebra deles conota o que está acontecendo a partir do momento em que ela vê o cego: a quebra do equilíbrio lógico e castrador pequeno-burguês que a protagonista havia eleito para os seus dias.
- 9) A rede de tricô fora feita por Ana, sendo então mais um fruto das inúmeras tarefas domésticas a que a protagonista se havia entregado como forma de fuga da existência primitiva. Agora que o equilíbrio pequeno-burguês havia sido destruído com a visão desconcertante que teve do cego, Ana estava diante de experiências nas quais o cotidiano de dona de casa (do qual a rede de tricô fazia parte) não tinha mais espaço. Assim, dentro desse novo contexto, a intimidade havia sido perdida.
- 10) O narrador quer dizer insistentemente com a repetição da frase “O mal estava feito” que a protagonista não ia mais conseguir se afastar daquilo que tanto havia evitado por anos: a vida em sua forma caótica, irracional, primitiva e intensa.

